

I SEMINÁRIO

[arq.con.br]

ARQUITETURAS
CONTEMPORÂNEAS
NO BRASIL

FRONTEIRAS
HÍBRIDAS

FORTALEZA | 1 - 4 ABRIL | 2025

Hospital Veterinário Escola da UniLeão | Juazeiro do Norte | CE
Lins Arquitetos Associados
Foto Joana França

SINAIS DE CONVIVÊNCIA? A RELAÇÃO ENTRE A ARQUITETURA DA SEDE DO LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS E O TERRITÓRIO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

SIGNS OF COEXISTENCE? THE RELATIONSHIP BETWEEN THE HEADQUARTERS'S ARCHITECTURE OF THE LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS AND THE TERRITORY OF THE BRAZILIAN SEMI-ARID REGION

¿SEÑALES DE CONVIVENCIA? LA RELACIÓN ENTRE LA ARQUITECTURA DE LA SEDE DE LINS ARQUITECOS ASSOCIADOS Y EL TERRITORIO SEMIÁRIDO BRASILEÑO

FRONTEIRAS ESPACIAIS

SANTIAGO, Beatriz

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba;
Docente na Universidade Federal do Vale do São Francisco
beatriz.lemos@univasf.edu.br

SINAIS DE CONVIVÊNCIA? A RELAÇÃO ENTRE A ARQUITETURA DA SEDE DO LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS E O TERRITÓRIO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

RESUMO

Olhares contemporâneos para territórios historicamente lidos como periféricos, como na perspectiva decolonial, geram interesse por investigar a relação da arquitetura produzida atualmente com recortes como o do semiárido brasileiro. Partindo disto, nosso objetivo é identificar na arquitetura da sede do Lins Arquitetos Associados se há tanto no discurso do escritório quanto no projeto e obra executada estratégias de convivência com o semiárido que repercutem no objeto arquitetônico. Para tanto, foi realizada análise de material gráfico e análise de conteúdo sobre fala e textos do escritório a fim de identificar elementos que caracterizam a presença do semiárido brasileiro no seu discurso e a influência de suas características sobre o projeto e obra da sede. O reatamento do pensamento do escritório na obra revela a clareza dos projetistas sobre a sua localização em um território lido historicamente enquanto margem/periferia. Contudo, a partir dos resultados, vemos a pertinência de delinearem-se estratégias de convivência com o semiárido voltadas para a produção da arquitetura e cidade. Consideramos que investir em pesquisas com este direcionamento pode contribuir com a redução do histórico cenário de dependência do semiárido brasileiro, indo na contramão da reprodução contraproducente de modelos hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE: convivência com o semiárido, semiárido brasileiro, arquitetura contemporânea

ABSTRACT

Contemporary perspectives on territories historically seen as peripheral, such as from a decolonial perspective, generate interest in investigating the relationship between current architecture and regions such as the Brazilian semiarid region. Based on this, our objective is to identify in the architecture of the Lins Arquitetos Associados headquarters whether there are strategies for coexisting with the semiarid region in the office's discourse, as well as in the design and construction work carried out, that are reflected in the architectural object. To this end, we conducted an analysis of graphic material and content analysis of the office's speech and texts in order to identify elements that characterize the presence of the Brazilian semiarid region in its discourse and the influence of its characteristics on the design and construction of the headquarters. The reflection of the office's thinking in the construction work reveals the designers' clarity about their location in a territory historically seen as marginal/peripheral. However, based on the results, we see the relevance of outlining strategies for coexisting with the semiarid region focused on the production of architecture and the city. We believe that investing in research with this focus can contribute to reducing the historical scenario of dependence in the Brazilian semi-arid region, going against the counterproductive reproduction of hegemonic models.

KEYWORDS: coexistence with the semi-arid region, brazilian semi-arid region, contemporary architecture

RESUMEN

Las miradas contemporáneas a territorios históricamente vistos como periféricos, como en la perspectiva decolonial, generan interés en investigar la relación entre la arquitectura actualmente producida y áreas como la región semiárida brasileña. Con base en esto, nuestro objetivo es identificar en la arquitectura de la sede de Lins Arquitetos Associados si existen estrategias de convivencia con la región semiárida tanto en el discurso de la oficina como en el proyecto y trabajo realizado que repercuten en el objeto arquitectónico. Para ello, se realizó un análisis del material gráfico y un análisis de contenido del discurso y los textos de la oficina con el fin de

identificar elementos que caracterizan la presencia del semiárido brasileño en su discurso y la influencia de sus características en el proyecto y trabajo de la sede. El reflejo del pensamiento de la oficina en la obra revela la claridad de los diseñadores sobre su ubicación en un territorio históricamente leído como margen/periferia. Sin embargo, a partir de los resultados, vemos la relevancia de trazar estrategias de convivencia con la región semiárida orientadas a la producción de arquitectura y ciudad. Consideramos que invertir en investigaciones en esta dirección puede contribuir a reducir el escenario histórico de dependencia en el semiárido brasileño, yendo en contra de la reproducción contraproducente de modelos hegemónicos.

PALABRAS-CLAVE: convivencia con el semiárido, semiárido brasileño, arquitectura contemporánea

INTRODUÇÃO

No texto *Regionalismo como otredad: de América Latina al Nordeste del Brasil*, Naslavsky e Lara (2020) discutem (utilizando dicotomias diversas) sobre a relação entre centro e periferia¹ na historiografia da arquitetura. Para os autores:

Esta estrutura teórico-metodológica baseada em oposições [...] reflete na historiografia da arquitetura nacional moderna que define o Nordeste do Brasil como o local da alteridade com relação ao sudeste [...]. (Naslavsky e Lara, 2020. p. 169. Tradução nossa)

Os mencionados autores abordam o recorte da arquitetura moderna do Nordeste brasileiro reconhecendo seu lugar de “outro” com relação à “produção nacional”, já este trabalho parte do recorte da arquitetura contemporânea do semiárido do mesmo país. Trata-se, portanto, de um recorte temporal mais recente e de um recorte geográfico que historicamente ocupa um lugar de periferia com relação a outras regiões do próprio Nordeste do Brasil, ou seja, uma posição de outro do outro.

Os olhares contemporâneos para territórios e produções historicamente lidos como periféricos, como no pensamento decolonial ou no novo paradigma de *convivência com o semiárido*², que busca substituir o histórico conceito de combate à seca, geram interesse pela investigação sobre como a produção da arquitetura contemporânea em territórios como o do semiárido brasileiro tem lidado com tais questões. Neste sentido, buscamos identificar e compreender práticas contemporâneas de arquitetura no semiárido, para a partir destas também compreender mais sobre este recorte territorial.

Este trabalho toma como objeto de estudo um dos projetos do Lins Arquitetos Associados, um escritório de arquitetura e urbanismo cearense³ que tem ganhado destaque nacional nos últimos anos por meio de publicações e premiações. Na apresentação que fazem em seu website, os arquitetos dizem que o escritório:

Tem como diretriz fundamental o respeito ao local de intervenção, adaptando o edifício ao clima, absorvendo aspectos culturais e utilizando necessariamente materiais e mão-de-obra presentes na região. Acreditamos que soluções

¹ A relação centro/periferia/região na arquitetura latino-americana é abordada no texto de Marina Waisman (2013).

² O documento intitulado “Declaração do semi-árido: propostas da articulação no semi-árido brasileiro para a convivência com o semi-árido e combate à desertificação” marca o esforço pela mudança paradigmática que visa superar a ideia de combate à seca desde o final da década de 1990. Disponível em:

<https://www.asabrazil.org.br/images/UserFiles/File/DECLARACAO_DO_SEMI-ARIDO.pdf>

³ O Lins Arquitetos Associados é formado por um grupo familiar de 4 sócios, sendo eles: Jorge Mauro Soares Lins, arquiteto e urbanista formado pela UFC em 1975, seus filhos Cíntia Menezes Lins de Matos, arquiteta e urbanista formada pela UNIFOR em 2007 e George de Menezes Lins, arquiteto e urbanista formado pela UFC em 2006, e sua nora Deborah Martins de Oliveira Lins, arquiteta e urbanista formada pela UFC em 2006, mestre em Engenharia Civil pela UFC em 2013. Informações disponíveis em: < <https://www.linsarquitetos.com.br/sobre>>

arquitetônicas não são reproduzíveis e dependem diretamente do local em que elas estão inseridas. (LINS ARQUITETOS, SD)

Vemos neste trecho da apresentação do Lins a preocupação com o território no qual produzem arquitetura e, conseqüentemente, cidade. A produção do escritório está predominantemente localizada no sul do Ceará, região que faz parte da delimitação do semiárido brasileiro⁴ (Figura 01), e foi neste recorte, mais especificamente na cidade de Juazeiro do Norte, que construíram no ano de 2018 a sua sede.



Figura 01: Mapa do Brasil com destaque à região Nordeste e ao semiárido brasileiro. Fonte: Elaboração própria com base na delimitação da Sudene⁵.

Partindo do entendimento de que a sede de um escritório exerce a função de vitrine dos seus interesses projetuais, este trabalho tem por objetivo identificar se há tanto no discurso do escritório quanto no projeto e obra executada da sua sede estratégias de convivência com o semiárido que repercutem na arquitetura.

⁴De acordo com o estabelecido a partir da Resolução CONDEL/SUDENE Nº 176, de 3 de janeiro de 2024, disponível em: <<https://www.gov.br/sudene/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/hierarquia/resolucoes-conselho-deliberativo/resolucao-condel-sudene-no-176-de-3-de-janeiro-de-2024>>

⁵ Disponível em: <<https://www.gov.br/insa/pt-br/centrais-de-conteudo/mapas/mapas-em-pdf/delimitacao-do-semiarido-brasileiro-2024.pdf/view>>

Para tanto, utilizamos da análise de conteúdo para identificar elementos nas falas do escritório que caracterizam a presença do semiárido brasileiro no seu discurso e a influência de fatores característicos do território sobre o projeto e obra da sede. Foram utilizados como material para a realização desta análise: 1- o texto de divulgação do projeto publicado no website do escritório; 2- o texto de divulgação do projeto publicado na plataforma do Archdaily Brasil; e 3- as falas de Cíntia Lins e de George Lins durante a participação do Lins Arquitetos no Webinário Arquitetura Contemporânea no Nordeste⁶, promovido em 2020 pelos cursos de arquitetura e urbanismo da UFC e UFAL. Foram escolhidas estas 3 fontes por retratarem a visão do escritório, tendo em vista que o seu conteúdo é de autoria dos projetistas. A fim de ilustrar e complementar a análise de conteúdo, foram utilizadas imagens divulgadas do projeto e obra construída, que permitem identificar se há sinais de alinhamento com o paradigma de convivência com o semiárido na arquitetura concebida.

CONVIVER COM O SEMIÁRIDO

Um território se caracteriza por possuir área, recursos, povo, poder, fronteiras e limites, sendo estes últimos simbolizados por muros, cercas, barreiras físicas ou representação nos contornos de um mapa (STÜRMER E COSTA, 2017). Sobre um mesmo espaço pode haver sobreposições territoriais que correspondem a diferentes conjuntos de fatores. O semiárido brasileiro, por exemplo, ilustrado na Figura 01, corresponde a uma delimitação em mapa que se aproxima do território correspondente ao bioma da caatinga (Figuras 02 e 03).

A caatinga tem, de acordo com Kiill (2011) ocorrência quase coincidente com o atual limite do semiárido brasileiro e é o único bioma com ocorrência geográfica exclusiva no Brasil. No entanto, é considerado um dos ecossistemas brasileiros mais degradados pelas atividades humana e o menos protegido, passando, inclusive, por um preocupante processo de desertificação.

⁶ Fontes dos textos e vídeo:

1- Disponível em: < <https://www.linsarquitetos.com.br/escritorio-lins-arquitetos> >

2- Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/912076/sede-do-escritorio-lins-arquitetos-associados-lins-arquitetos-associados> >

3- Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=9gv2W-ilYAo&list=PLaMEYS2phVCyvBaZTAU_xw1M7pxg608Vv >



Figura 02: Paisagem da caatinga no semiárido pernambucano.
Fonte: Acervo da autora



Figura 03: Delimitação da caatinga. Fonte: Tatiana Ayako Taura, 2010.⁷

Ao longo da história, a área que hoje leva o nome de semiárido teve outras denominações, como Sertão e o Nordeste das secas. A última atualização do seu território foi feita pela Sudene em 2024, chegando ao total de 1.477 municípios dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo (CONDEL/SUDENE, 2024).

Devido à aridez característica, o bioma caatinga, que marca as paisagens do semiárido, parece não ter corroborado com o conceito do verde presente na ideia de autorrepresentação oficial ao longo da trajetória histórica e social do Brasil. O que contribuiu, por muitas décadas, para que essa região fosse relegada à negação, à exploração e ao esquecimento. Buriti e Aguiar (2012) argumentam que as elites se utilizaram da imagem da região pelo interesse de explorar politicamente o sofrimento e a miséria decorrentes, consequentemente associando o território ao deserto e negando suas potencialidades. Isto contribuiu para que o semiárido brasileiro tenha os piores indicadores econômicos e sociais do país, assim como todo o Nordeste, apesar de ser uma das regiões semiáridas mais povoadas do mundo (DA SILVA et al., 2010).

Historicamente, o contexto climático era visto como algo a ser combatido, superado, incentivando a percepção do determinismo de uma natureza adversa que condena a região e seu povo ao sofrimento. Não eram, portanto, tratadas ações que visassem o convívio sustentável com as características naturais do lugar.

⁷ Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/introducao>>
Acesso em: 18 de dezembro de 2023

No entanto, em oposição à ideia de combate à seca, que tradicionalmente orientou ações no semiárido brasileiro, atualmente tem sido fomentado o conceito de convivência com o semiárido, que parte do princípio de que “não se pode combater ecossistemas, variações climáticas, direção de ventos e o sol. É preciso haver políticas públicas que façam a região produzir de maneira segura para si e para o mercado, viver sem catástrofe, exatamente com este clima que temos” (SCHISTEK, 2013, pag. 32). Para Silva (2006, p. 225):

A convivência expressa uma mudança na percepção da complexidade territorial e possibilita construir ou resgatar relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das famílias sertanejas, por meio do incentivo às atividades econômicas apropriadas e a sustentabilidade ambiental. É uma nova percepção que retira as “culpas” atribuídas às condições naturais, e enxerga o espaço Semi-árido com suas características próprias, seus limites e potencialidades [...] o desenvolvimento no Semi-árido depende fundamentalmente de uma mudança de mentalidade em relação às suas características ambientais, e de mudanças nas práticas e uso indiscriminado dos recursos naturais.

Este novo paradigma busca substituir a concepção de combate às características do território (principalmente no que diz respeito ao clima) a partir da compreensão do referido recorte tanto em suas limitações quanto em suas potencialidades. Silva (2006) em sua tese “Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento” – que é uma importante referência sobre o tema - apresenta cinco imperativos que fundamentam este sentido de convivência:

1. O sentido ambiental da convivência: manejo e uso sustentável dos recursos naturais sem inviabilizar a sua reprodução;
2. A economia da convivência: capacidade de aproveitamento sustentável das potencialidades naturais e culturais, em atividades produtivas, apropriadas ao meio ambiente;
3. A convivência com qualidade de vida: possibilidade de viver bem com outros seres ou de viver bem num lugar;
4. A cultura da convivência: valorização e a reconstrução dos saberes da população local sobre o meio em que vive, sobre as suas especificidades, fragilidades e potencialidades; e
5. A conquista política da convivência: implementação de políticas públicas apropriadas ao desenvolvimento sustentável na região.

Vemos, a partir do exposto, que além da posição periférica com relação ao Nordeste brasileiro (que já ocupa a mesma posição com relação à porção sul do país) há outros fatores que caracterizam o

semiárido enquanto território: o clima quente e seco com escassos períodos de chuva; a paisagem natural marcada pela vegetação do bioma da caatinga; o desenvolvimento socioeconômico⁸ e o cenário de dependência, escassez e vulnerabilidade decorrente da histórica exploração da terra e do povo.

Clima e bioma são aspectos que, apesar das tentativas, não podem ser combatidos. A proposta do novo paradigma da *convivência* é que se reconheçam as potencialidades das suas características para que se estabeleça uma relação mais sustentável entre natureza e ser humano. Já no que diz respeito à questão socioeconômica, na concepção da *convivência*, busca-se autonomia⁹ da população a fim de dirimir as desigualdades socioeconômicas e possibilitar o acesso a melhores condições de vida.

Foram estes os três fatores utilizados - clima, vegetação (da caatinga) e desenvolvimento socioeconômico -, considerando em paralelo os imperativos de Silva (2006), para analisar discurso, projeto e obra do Lins Arquitetos para a sede do escritório a fim de identificar estratégias de convivência com o semiárido brasileiro na arquitetura. Esta escolha se dá em caráter exploratório, tendo em vista que pesquisas que se aprofundem na relação entre objeto arquitetônico e convivência com o semiárido são escassas e tem objetivos distintos dos aqui propostos.

SINAIS DE CONVIVÊNCIA NA SEDE DO LINS ARQUITETOS

O edifício da sede do Lins Arquitetos está localizado em um bairro predominantemente residencial e horizontal da cidade de Juazeiro do Norte, uma das três cidades do aglomerado urbano conhecido como Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) situado no Cariri cearense. Além da região do Cariri ser privilegiada por solos férteis, resultado das águas das chuvas que caem sobre a Chapada do Araripe (Amorim, 1999), o Crajubar é a segunda maior aglomeração urbana do estado, notável pelo adensamento demográfico¹⁰, além dos investimentos públicos e privados, especialmente em Juazeiro do Norte, a terra do Padre Cícero, o que reforça a relevância regional do Crajubar (Queiroz; Cunha, 2014).

⁸ O desenvolvimento econômico no semiárido é contextual, tendo em vista que há recortes deste território mais ou menos desenvolvidos economicamente a depender da posição, dos recursos naturais, dentre outros fatores.

⁹ “Ao mencionarmos o crescimento da autonomia referimo-nos à ampliação das capacidades, oportunidades e recursos, intelectuais e materiais, dos diferentes atores sociais envolvidos na criação e viabilização de seus modos de vida no Semiárido brasileiro, um mosaico dinâmico, complexo e multidimensional. Esses atores ocupam diferentes posições na condição de sujeitos nos processos de mudanças sociais. O fortalecimento de sua autonomia se expressa na capacidade de ler, interpretar, resignificar e transformar a realidade, mediante a apropriação de instrumentos que lhes possibilitam protagonizar a construção de sua história.” (CONTI e SCHROEDER, p. 18, 2013)

¹⁰ Dados mais recentes do IBGE informam a população de 492.203 habitantes no Crajubar.

O entorno do edifício é majoritariamente ocupado por lotes cercados com muros altos e impermeáveis com relação ao passeio público. Em contraponto, o cercamento do lote da sede acontece por meio de gradis permeáveis (Figura 03), o que faz com que o edifício contraste do seu entorno e que seja reforçado o caráter de vitrine da produção do escritório e da sua preocupação com a produção de cidade a partir da arquitetura.



Figura 04: Imagem aérea da Sede do Lins Arquitetos Associados. Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

Clima

A relação do edifício com o clima quente e seco é questão fundamental na concepção arquitetônica para regiões semiáridas. Sobre o tema, destacam-se alguns trechos dos textos e fala do Lins. Na apresentação do webinar, George Lins, apresentando a implantação do edifício, diz que: “esse terreno facilita muito porque tem as maiores fachadas para o norte e para o sul o que é uma boa implantação no semiárido, já que a gente consegue proteger as fachadas norte e sul muito melhor do que as leste e oeste.” (LINS ARQUITETOS, 2020). Esta fala reitera o texto publicado no website do escritório, em que os projetistas afirmam que: “O edifício foi implantado de maneira pavilhonar, com suas maiores fachadas voltadas para o norte e o sul, favorecendo assim a proteção solar e a captação da ventilação dominante.” (LINS ARQUITETOS, SD)

Ainda sobre a relação com o clima, no webinar o arquiteto explica que: “a coberta é solta da edificação, isso permite que a ventilação passe levando esse ar quente. Esse ar quente nunca se acumula.” (LINS ARQUITETOS, 2020). Nos textos do Archdaily e website, o escritório expõe que “As

esquadrias metálicas externas, quando abertas, funcionam como ‘quebra-ventos’ captando a ventilação natural vinda do leste para dentro do edifício. O teto é fechado também com vidro incolor, trazendo assim, muita luz natural para o seu interior.” (LINS ARQUITETOS, 2019) (Figuras 05 e 06). A atenção às características do clima e adequação do edifício para um condicionamento térmico passivo repercute, além do conforto, na economia energética, o que também está alinhado a aspectos de redução de custos, apresentados no tópico de desenvolvimento econômico.



Figura 05: Diagrama de estratégias bioclimáticas. Fonte: Lins Arquitetos Associados (LINS ARQUITETOS, 2019)

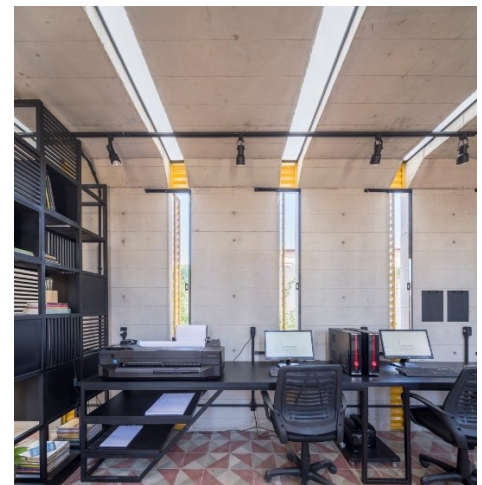


Figura 06: Imagem interna da sede do Lins Arquitetos Associados. Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

O corpo do edifício formado por módulos de concreto aparente moldados *in loco* é abrigado da incidência solar direta pela sombra gerada pela cobertura (Figuras 07 e 08) que mistura esbeltas peças de madeira a estrutura metálica e policarbonato leitoso, que permite que a luz difusa entre no espaço interno (Figura 06). O gesto da geração de sombra é o primeiro fundamento apresentado por Armando de Holanda em seu *Roteiro para construir no Nordeste* (Holanda, 1976). O escritório, declaradamente, usa a publicação de Holanda como guia projetual. No entanto, cabe mencionar que o Roteiro orienta estratégias de projeto para o Nordeste quente e úmido, como o ato de *vazar os muros* com grandes aberturas para a ventilação cruzar os espaços, no entanto, para climas quentes e secos, esquadrias menores podem ser mais adequadas, como argumenta Olgyay (2010).

Vê-se que a solução adotada foi de janelas estreitas ritmadas de acordo com os módulos de concreto, e que são compostas por folhas independentes de chapas metálicas e vidros translúcidos. Esta solução permite que em dias em que o aparelho de ar-condicionado precise ser ligado, a esquadria possa ser fechada apenas pelo vidro, garantindo ainda a iluminação natural.



Figura 07: Imagem externa com destaque à sombra gerada pela coberta. Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

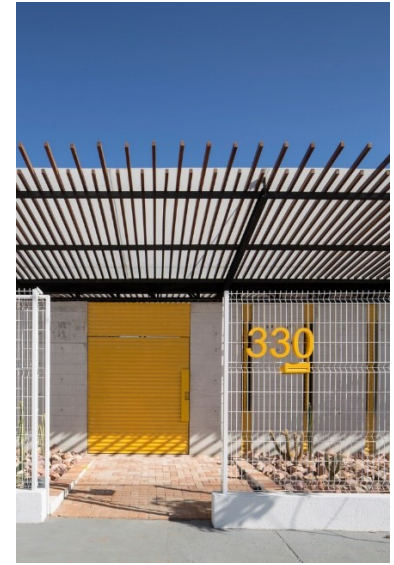


Figura 08: Imagem externa com destaque à sombra gerada pela coberta na fachada frontal. Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

Vegetação

Mencionando novamente o roteiro de Armando de Holanda, fica claro no seu capítulo sobre *construir frondoso* o direcionamento do texto para a produção no nordeste quente e úmido, já que o autor sugere que o projeto de arquitetura deve se vincular com a paisagem das folhas grandes e escuras da mata atlântica, o que não condiz com o cenário de caatinga do nordeste semiárido.

Já na sede do Lins Arquitetos, a relação que se estabelece entre o projeto e a vegetação da caatinga é percebida a partir do protagonismo dado ao intitulado Espaço MacAUba (Figura 09), uma espécie de praça interna ao lote, concebida para abrigar eventos noturnos como rodas de conversa sobre arte e arquitetura. Segundo o que os profissionais expõem nos textos: “O terreno adquirido pelos arquitetos possuía uma grande macaubeira, palmeira bastante comum na região do Cariri. Todo o partido arquitetônico foi desenvolvido com a intenção de preservá-la.” (LINS ARQUITETOS, 2019)



Figura 09: Espaço MacAUba . Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

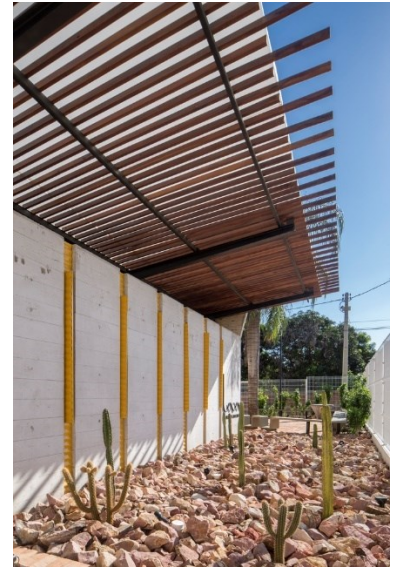


Figura 10: Cactário. Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

Além da relevância conferida à árvore preexistente no lote: “Um cactário, com espécies típicas da caatinga e pedras nativas da região, compõem o paisagismo ao lado da grande macaubeira.” (LINS ARQUITETOS, 2019) (Figura 10). O microcosmo paisagístico criado no lote da sede contrasta com a histórica ideia, anteriormente mencionada, de representação nacional do verde da mata. No projeto explora-se a pedra enquanto elemento plástico e de forração do solo do jardim de cactos, em “substituição” à típica forração de gramíneas. A escolha dos elementos e das espécies vegetais nativas reduz a necessidade de rega, consequentemente do uso de água, recurso que precisa ser bem administrado em regiões semiáridas.

Desenvolvimento socioeconômico

A compatibilidade entre as soluções de projeto e os recursos humanos e materiais locais disponíveis devido ao desenvolvimento socioeconômico da região é discutida pelo escritório em diferentes passagens. Uma delas trata da explicação que George Lins fez sobre a solução formal e material da envoltória do edifício:

[...] a gente queria utilizar concreto pré-fabricado e aquelas aduelas que servem para a drenagem urbana. A gente gostava muito daquilo por ser uma peça já pronta e talvez isso pudesse baratear nossa construção. Quando a gente começou a construir, a gente viu que o frete se tornava mais caro que a peça, porque não tinha onde a gente fabricar essa peça em Juazeiro. Então a gente decidiu moldar *in loco* mesmo, mas a ideia continuou. São pórticos de

concreto, todos sombreados por uma coberta que é solta da edificação (LINS ARQUITETOS, 2020)

Na fala acima vê-se a busca pelo barateamento e pela adequação da solução à realidade local, ajustando-a ao que era possível realizar com os recursos disponíveis sem renunciar à ideia inicial da modularidade. No entanto, apesar de apropriadas pela indústria da construção local, soluções como essa se distanciam do que autores como Weimer (2005) e Mesquita e Moura (2017) apresentam como métodos construtivos tradicionais da região semiárida brasileira. Não fica claro, por exemplo, porque os projetistas insistiram na concepção dos módulos de concreto mesmo que estes já não tenham sido executados como na ideia inicial. Na sua fala o próprio escritório argumenta que o transporte inviabilizaria o uso das aduelas como havia sido pensado. Então a economia e praticidade dos elementos pré-fabricados já não era mais uma justificativa da sua escolha. Infere-se, portanto, que a não substituição por outro método construtivo tenha acontecido devido a escolhas relacionadas ao resultado formal/estético da obra.



Figura 11: Esquadrias da sede do Lins Arquitetos. Fonte: Fotografia de Joana França (LINS ARQUITETOS, 2019)

No que diz respeito às decisões sobre a materialidade do edifício que decorrem da preocupação com a disponibilidade de recursos, destacam-se ainda os seguintes trechos: “A gente criou esquadrias metálicas de uma maneira bem artesanal feitas de telha metálica. Uma moldura e uma telha metálica.” (LINS ARQUITETOS, 2020) (Figura 11); “A gente utiliza sempre os materiais da região. São tijolos cerâmicos, materiais crus, o concreto aparente, a madeira, a estrutura metálica” (LINS ARQUITETOS, 2020); “Os revestimentos de piso e parede, são materiais locais como ladrilho

hidráulico, tijolo cerâmico e textura branca.” (LINS ARQUITETOS, 2019). Nota-se aqui a busca por soluções que exploram os recursos materiais disponíveis na região, envolvendo a mão de obra em um processo de fabricação que parte do detalhamento aprofundado do projeto.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARQUITETURA E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Realizada a análise da obra, nos interessa agora buscar resposta à pergunta proposta no início desta investigação: há sinais (ou estratégias) de convivência com o semiárido na arquitetura da sede do Lins Arquitetos Associados? Cabe contextualizar que o paradigma da convivência é um conceito macro e não se restringe a soluções empregadas dentro dos limites de um lote urbano. No entanto, a exploração aqui realizada buscou identificar, usando este edifício como objeto empírico, se quem produz arquitetura atualmente neste território faz uso do conceito no processo de projeção e divulgação.

Apesar de localizada no território do semiárido (sobreposto pela paisagem da caatinga), a sede do Lins Arquitetos não se assemelha, por exemplo, às imagens das “moradas da caatinga” apresentadas por Günter Weimer no livro *Arquitetura popular brasileira* (2005). A arquitetura da sede do escritório incorpora materiais não lidos como tradicionais no território, como o concreto e o metal. No entanto, explicita em seu discurso a compatibilidade da adoção de tais materiais com a intenção de redução de custos e uso de mão de obra local, que é capacitada para trabalhar com estes.

Esta atitude dos arquitetos remete à ideia de divergência proposta por Waisman (2013, p.98), que diz que: “Divergir é desenvolver, a partir daquilo que se é, aquilo que se pode chegar a ser.” Percebemos, neste sentido, a relação entre a *divergência* e a *convivência com o semiárido*, pois ambas partem da concepção de uma centralidade contextual do território trabalhado em contraposição à submissão de um lugar de alteridade aos tradicionais centros das perspectivas hegemônicas.

Vemos pelo seu discurso, que o Lins Arquitetos tem consciência do que é e de onde parte. Apesar de a análise a partir do discurso dos projetistas poder, em alguns momentos, se distanciar do que fora realizado, vemos, neste caso, o rebatimento do discurso do escritório na obra, o que revela a clareza dos projetistas sobre a sua localização em um território lido historicamente enquanto margem/periferia.

Analisar o discurso também permite entender o lugar que o território tem no fazer do escritório. Ao trazer o termo *semiárido* e as soluções de adequação a este em suas falas, o Lins demonstra o

protagonismo que a relação da arquitetura com as características da vegetação, economia, cultura e (principalmente) clima do interior do nordeste brasileiro tem na sua obra. Isto fica claro na fala dos arquitetos sobre a sede: “O edifício contempla todas as diretrizes projetuais do escritório. O conforto térmico, o uso de materiais da região e um paisagismo com plantas locais, fazendo assim, uma arquitetura cheia de identidade e voltada para o lugar onde está inserida.” (LINS ARQUITETOS, 2020).

O pensamento decolonial e o conceito de convivência com o semiárido não são mencionados no discurso. Apesar de ser possível ver sinais de seus fundamentos no processo relatado e no produto arquitetônico. Isto porque sua produção parte da compreensão do território para alcançar uma resposta compatível com ele, explorando suas potencialidades e em busca do alinhamento com o desenvolvimento sustentável.

Os imperativos apresentados por Silva (2006) não puderam ser identificados com clareza na análise, apesar de vermos indícios deles em algumas estratégias de projeto. Isto se deu talvez por motivos como: o método de análise utilizado, que poderia incorporar entrevistas, por exemplo; o distanciamento entre os imperativos propostos e a finalidade de análise do objeto arquitetônico ou; o caráter do objeto analisado, que se distancia do contexto de convivência e desenvolvimento no âmbito rural do semiárido, como explorado por Silva (2006).

Atualmente, as pesquisas sobre a convivência com o semiárido se concentram principalmente em discussões e ações sobre o meio rural e sobre políticas públicas que objetivem a geração de autonomia para o povo do campo. Contudo, tendo em vista o impacto da produção do ambiente construído também urbano, vemos a pertinência de delinearem-se estratégias de convivência voltadas para a produção da arquitetura e cidade. Investir em pesquisas com este direcionamento pode contribuir com a redução do histórico cenário de dependência deste território, indo na contramão da reprodução contraproducente de modelos hegemônicos.

Mesmo que não mencione o termo *convivência com o semiárido*, a arquitetura contemporânea produzida neste território e alinhada aos princípios do conceito pode reforçar, a partir do exemplo, a ideia da redução da dependência cultural ao vincular-se com o semiárido em um esforço de autonomia e valorização das potencialidades locais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Anália. **Habitar o sertão**. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1999

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. Secas, migrações e representações do semi-árido na Literatura Regional: Por uma História Ambiental dos Sertões do Nordeste Brasileiro. In: **Textos e Debates**, v. 2, n. 15, 2012.

CONDEL/SUDENE. **Resolução Nº 176**. Conselho Deliberativo da SUDENE, 2024.

CONTI, Irio; SCHROEDER, Edni (organizadores). **Convivência com o semiárido brasileiro**: autonomia e protagonismo social. Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto Ambiental Brasil Sustentável/ Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome/ Editora IABS, Brasília-DF, Brasil, 2013.

SILVA, P.C.G.; MOURA, M.S.B.; KIILL, L.H.P.; BRITO, L.D.L.; PEREIRA, L.A.; SÁ, I.B.; CORREIA, R.C.; TEIXEIRA, A.D.C.; CUNHA, T.J.F.; GUIMARÃES FILHO, C. Caracterização do Semiárido brasileiro: fatores naturais e humanos. In: SÁ, Iêdo Bezerra, Silva, Pedro Carlos Gama. **Semiárido Brasileiro: Pesquisa, Desenvolvimento E Inovação**. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2010.

HOLANDA, Armando. **Roteiro para construir no Nordeste**: arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, 1976.

KIILL, Lúcia Helena. **Caatinga**: patrimônio brasileiro ameaçado. Embrapa semiárido, 2011, p.2. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/899060/1/Kiill2011.pdf> Acesso em: 30 de setembro de 2024

LINS ARQUITETOS. **Sede do escritório Lins Arquitetos Associados**. Archdaily Brasil, 2019. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/912076/sede-do-escritorio-lins-arquitetos-associados-lins-arquitetos-associados> > Acesso em: 30 de setembro de 2024.

LINS ARQUITETOS. **Escritório Lins Arquitetos Associados**. Website Lins Arquitetos Associados. SD. Disponível em: < <https://www.linsarquitetos.com.br/escritorio-lins-arquitetos> > Acesso em: 30 de setembro de 2024.

LINS ARQUITETOS. **Webinário Arquitetura Contemporânea no Nordeste**. YouTube. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=9gv2W-iIYAo&list=PLaMEYS2phVCyvBaZTAU_xw1M7pxg608Vv > Acesso em: 30 de setembro de 2024.

MESQUITA, Liana; MOURA, Neide. **Cidade do Nordeste: do pote à rua**: métodos construtivos tradicionais. Organização Ana Rita Sá Carneiro. Recife: Cepe, 2017.

NASLAVSKY, Guilah; LARA, Fernando Luiz. Regionalism como otredad: de América Latina al nordeste del Brasil. In: ESPINOZA, José Carlos (org.). **El Brasil y el Movimiento Moderno en América Latina**. Salvador: Edufba, 2020. Cap. 6, p. 161-179.

OLGYAY, Victor. **Arquitectura y clima**: manual de diseño bioclimático para arquitectos y urbanistas. 1ª ed. 6ª tirada. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

QUEIROZ, Ivan da Silva; CUNHA, Maria Soares da. Condicionantes sócioambientais e culturais da formação do Crajubar, aglomerado urbano-regional do Cariri cearense. **Revista de Geografia** (Recife), 31(03): 149-169.

SCHISTEK, Haroldo. **Semiárido Brasileiro**: uma região mal compreendida. Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social, Editora IABS. Brasília-DF. p. 31-43, 2013.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Tese (doutorado). Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, 2006.

STURMER, Arthur Breno; COSTA, Benhur Pinós da. Concepção libertária de território. **Élisée-Revista De Geografia Da UEG**, v. 6, n. 1, p. 35-52, 2017.

WAISMAN, Marina. **O interior da História**: Historiografia Arquitetônica para uso de Latino-Americanos. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Escala, 2013.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.